Fronteiras múltiplas, fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias

Benjamin Abdala Junior

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/4856>

DOI: 10.4000/cultura.4856

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2018

Paginação: 51-61

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Benjamin Abdala Junior, «Fronteiras múltiplas, fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias», *Cultura* [Online], vol. 37 | 2018, posto online no dia 03 dezembro 2020, consultado o 09 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/4856> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.4856>

Este documento foi criado de forma automática no dia 9 julho 2021.

Cultura is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

Fronteiras múltiplas, fluxos culturais assimétricos e reflexões comunitárias

Benjamin Abdala Junior

- 1 Em intervenção num evento comemorativo dos cem anos da República portuguesa, realizado na Universidade de Lisboa, destacamos que a grande mídia, antes do grande *crash* financeiro de 2008, naturalizou a imagem utópica do mundo das finanças: desregulamentação e flexibilidade como modelo para a economia, um desenho naturalmente extensivo às práticas sociais e culturais. De acordo com a reiterada agenda que pautava os meios de comunicação, desregulamentação se afinaria com liberdade e, esta, nas esferas socioeconômicas, com competitividade, colocada, assim, como critério de eficiência e aspiração maior das empresas, do indivíduo e da democracia. O individualismo associado, assim, à condição da vida democrática e, mais, como uma das inclinações fundamentais do humanismo. Em decorrência do *crash*, esse sistema de valores viu-se obrigado a se reciclar diante da nova situação, como analogamente já o fizera no *crash* de 1929.
- 2 Assim, como aconteceu após os chamados “anos loucos” da década de 1920, esse discurso da hipertrofia individual viu-se compelido a matizar-se. Encaminhou-se, em parte, para as estratégias e formulações discursivas que até há pouco lhe eram avessas. Se antes, nos Estados Unidos e países centrais do capitalismo europeu, tratava-se de se buscar apoio para a produção industrial, hoje a ênfase foi dada aos bancos. A procura por práticas reguladoras reintroduz a necessidade de se pensar na idéia de um planejamento que fixe espaços mais delimitados para as atividades financeiras, que continuam hegemônicas.
- 3 O atual momento político solicita reconfigurações de estratégias, repactualizações, que no caso do Brasil já vêm ocorrendo nas relações internacionais. No plano da vida cultural, entretanto, essa repactualização continua muito tímida. A intelectualidade no Brasil e nos países ditos ocidentais, em geral, tem-se colocado a reboque dos acontecimentos, dando curso a discursos legitimadores das hegemonias estabelecidas. E

nestas reflexões sobre questões de identidade em que o eurocentrismo confluiu para o processo de americanização do mundo, é de se entender que essas vozes críticas, muitas vezes melancólicas e contemplando ruínas, devem assumir atitudes mais ativas e prospectivas, para criar ou redesenhar, com matização mais forte, tendências de cooperação e solidariedade.

- 4 Pelas margens, temos procurado destacar a necessidade de se pensar a possibilidade real de um efetivo contraponto ao paroxismo da competitividade, que segue a lógica da assimetria dos fluxos econômicos e culturais. Essa inclinação para a regulação da vida social constitui uma reação aos efeitos perversos dos modelos articulatórios do capital financeiro, que flexibilizaram fronteiras nacionais para impor a sua ordem. Entretanto, já que toda hegemonia é porosa, foi pelas brechas desse processo globalizador que se firmou a necessidade de articulações amplas, envolvendo o crescente comunitarismo supranacional.
- 5 É dessa situação político-social que se impõe relevar que identidades (individuais, sociais e nacionais) devem ser vistas no plural. Não se trata de identidades, fronteiras ou campos discursivos elásticos, plásticos, informes, mas de identidades vistas do lugar de onde acessamos o mundo – para nos valer da linguagem da Internet –, e que envolve relações presenciais e não presenciais, fronteiras contíguas e não contíguas. Somos vários e contraditórios numa mesma identidade e nossas fronteiras são múltiplas (Abdala Junior, 2002). Temos defendido, nesse sentido, a idéia de relevarmos os blocos culturais, da mesma forma que na área da economia. Para quem se situa no Brasil, impõem-se relações estreitas com nosso bloco linguístico-cultural e com os países ibero-afro-americanos. Não só essas relações, pois num mundo de fronteiras múltiplas são fundamentais outras articulações supranacionais, como ocorrem nas relações econômicas.
- 6 Convém falarmos agora do modernismo e do pós-modernismo, o primeiro afeito ao modo articulador centralizador da produção industrial e o segundo com a desregulamentação supranacional, que nos conduziu ao *crash* de 2008, já como o fizera em 1929. A grande diferença, em relação ao campo intelectual supranacional, é que em 1929 a intelectualidade tinha a esperança de que as coisas poderiam ser diferentes, e agora essa potencialidade subjetiva se mostra mitigada, envolvida pela hegemonia dos modelos articulatórios do capitalismo financeiro, para quem viveríamos (para eles, continuamos a viver) no melhor dos mundos – um eterno presente, da produção e competição, que procuram rimar com democracia. Mais do que a força das idéias e da reflexão, impõe-se um individualismo narcisista reverenciado pela mídia, que só destaca quem se coloca nas passarelas da sociedade do espetáculo.
- 7 Particularizando essas observações de ordem geral, podemos destacar o fato de que essas articulações hegemônicas não estão apenas na Europa ou em sua vertente norte-americana, que vem estabelecendo um processo de americanização do mundo. As bases dessas formas de pensamento também se aclimataram em nossos países (pensando em bloco), construindo um imaginário justificativo do processo de colonização, em termos econômicos e culturais. Vem dessas assimetrias de poder simbólico, conforme sabemos e a título de exemplo, a classificação social a partir da idéia de raça – uma justificativa da dominação dos povos à escala mundial. Trata-se de uma construção mental que acabou por marcar as esferas científicas e que vem até nossos dias. Uma estrutura que se aclimata ao curso do tempo e dos espaços geopolíticos. Acontece que esses hábitos,

como uma forma de pensamento/ação, ultrapassam as circunstâncias históricas que os motivaram e persistem nas esferas da vida cultural.

- 8 É importante que a intelectualidade imbuída de sentido crítico verifique implicações socioculturais dessas formas de saber que chama a si a objetividade, descartando potencialidades subjetivas. O processo colonizador – cujas *formas mentis* continuam através das assimetrias dos fluxos econômicos e culturais – leva a hábitos, como a conhecida importação de modelos externos, sem criticidade, para os mais variados campos da cultura, inclusive cultura material. Nos estudos linguísticos e literários é comum a importação acrítica dessas fórmulas, como também ocorre no terreno científico, perpetuando assimetrias que continuam a nos “colonizar”. É evidente que nas esferas culturais, tal como ocorreu historicamente entre os atores afinados com políticas coloniais (depois neocoloniais e imperiais), ter acesso à última novidade pode significar preservar poder simbólico.
- 9 O sentido de colonialidade determinou a divisão do trabalho mundial, de acordo com o capitalismo. Da concentração eurocêntrica, essa colonialidade passou para a hegemonia norte-americana, conforme sabemos, alargando assim a hegemonia do Atlântico Norte, a partir do término da Segunda Guerra Mundial. Paralelamente, em termos de intersubjetividade, estabeleceram-se relações de dominação, no plano interno desse bloco capitalista e das regiões dominadas, que formavam regiões geoculturais. E os mesmos gestos opressivos marcaram a vida subjetiva e cultural desses povos, seus universos simbólicos. A consequência foi que os dominadores reproduziram o traço comum de outros dominadores da história mundial: o etnocentrismo.
- 10 Foi assim que desde os tempos explicitamente coloniais o etnocentrismo procurou estabelecer a inteligibilidade e, principalmente, a legitimidade necessária às práticas de dominação, justamente porque inferiorizavam, tanto em discursos científicos quanto leigos, os espaços, povos e culturas das colônias e apontavam a sua necessidade de evolução em amplos sentidos, a partir da interação com exploradores, justificando sua dominação. Hoje, numa ambiência da social-democracia, esses hábitos persistem nos olhares, práticas e representações que permitem a continuidade da dominação e manutenção de determinadas hegemonias e autoridades, mesmo que de forma sutil, ininteligível, naturalizada ou compartilhada por todos.
- 11 Essa mesma inclinação também ocorre no interior da Europa e dos EUA, onde há numerosas comunidades marginalizadas como os irlandeses, ciganos, negros, latino-americanos, muçulmanos, os habitantes das periferias, gays, lésbicas, etc. Foi importante, para eles, situá-los ou circunscrevê-los numa determinada região ou bairro para discriminá-los. Tais formas de hegemonia possuem toda uma série de repertórios secularmente acumulados, de onde vêm as reflexões e práticas espalhadas pelo mundo. Evidentemente, convém repetir, aprendemos com a experiência do outro. Afinal, somos todos misturados. As identidades são sempre plurais, já afirmámos. Precisamos, por outro lado, não nos submetermos a conceitos de uma certa hibridização que se confunde com uma espécie de plasticização indefinidora de fronteiras, que, na verdade, não são líquidas (Bauman, 2006), mas, entendemos, configuradas e múltiplas.
- 12 Vieram de nossa formação tais hábitos alienados, e as formas culturais, tal como as formas políticas, sociais e econômicas, resistem. Há nelas, de um lado, uma experiência acumulada; e, de outro, implicações ideológicas que tendem a justificar hegemonias. Constituem desenhos ou linhas que resistem e determinam a formação de caracteres, com papéis sociais marcados. Tais máscaras sociais podem impregnar e transfigurar

identidades, pois a tendência é a simples afinação com esses modelos da cultura, sem questioná-los criticamente. O grande problema, do ponto de vista político, é que tais impregnações fazem parte do cotidiano e configuram, enquanto forma dominante, as expectativas de cada um, seja ele um dirigente ou um dirigido.

- 13 Da identidade individual à coletiva, podemos observar – em acréscimo à definição de Benedict Andersen de que o estado-nação é uma comunidade imaginada (Andersen, 1986) – que essa comunidade só vem de sua articulação socioeconômica com seu sistema de poder. É, assim, o estado-nação moderno. E ele se formou na Europa paralelamente à dominação colonial, colocando politicamente em causa – ontem, como hoje – a administração das diferenças. Diferenças internas, como a dos Estados nacionais europeus; diferenças externas, através da sublocação do poder para os crioulos dos territórios dominados. Portugal carrou recursos para uma fidalguia parasita que os repassava aos países do Norte europeu. Nos EUA, pelo extermínio dos índios e o *apartheid* dos ex-escravos, estabeleceu-se um país dos “brancos” que se recusavam à mistura. Aos negros e aos índios era inicialmente recusado o estatuto de cidadão. Aos brancos, inclusive os novos imigrantes, era oferecida a cidadania, no século XIX. No Brasil, a inclinação para o *apartheid* foi substituída pela ideologia da “democracia racial”, que foi uma forma de mascarar a discriminação da população negra.
- 14 Os estudos que não deixam de ser modelados por essas assimetrias desconsideram a potencialidade subjetiva do outro. Ele é sempre estudado como objeto e não como sujeito capaz de produzir (e não apenas reproduzir especularmente) o conhecimento. Esses estudos defendem uma falsa neutralidade epistêmica, ignorando a potencialidade de quem produz conhecimento na periferia, a não ser daqueles que mantêm hábitos de colonizados. Pode-se falar de um mito da objetividade e da cientificidade que esconde o lócus enunciativo de quem fala, tomado em suas dimensões individuais e sociais.
- 15 Esses hábitos pautados pelas assimetrias procuram considerar as misturas como inferiores, para assim subalternizá-las num mundo de hegemonia de um pensamento único capitalista, neoliberal. Há que se estabelecer um projeto sempre renovado de descolonização, que coloque em xeque tais *formas mentis*. Essa observação vale para o multiculturalismo liberal e para crítica ao processo de americanização hegemônica do mundo que atinge a todos subalternos, nos países dominantes e nos outros. Uma colonização que atinge inclusive as esferas das disciplinas acadêmicas. Impõe-se à intelectualidade, como sempre, um pensamento crítico e uma efetiva manifestação de sua potencialidade subjetiva.
- 16 Voltando ao início destas notas críticas, quando falamos de uma tendência mais social-democrata de administração da diferença e de outra de autoritarismo explícito, violento, dizemos que tendências nacionais afins das desenvolvidas por Barack Obama apontam para a necessidade de se estabelecer um espaço de contato com o outro. Um contato visual e corpóreo para interação, onde os grupos dominantes continuam com seus privilégios, mas devem fazer concessões para manter sua hegemonia. Nesses contatos continuam as formas assimétricas de poder. Logo, desejos mais sutis de deslocamentos e conexões espaciais inclinados à mistura e à transculturação, mas tendentes a propósitos explícitos de dominação e de hierarquização. Entretanto, já que as coisas são misturadas, a inclinação da globalização para a homogeneização torna possível a ascensão das diferenças.

- 17 Não se trata de discutir a qualidade e a relevância dos saberes de origem europeia ou norte-americana, mas simplesmente a pretensão de que os mesmos tendem a ser sempre universais e superiores em relação aos saberes criados pelos grupos humanos espalhados pelo planeta. Não deixa de ser curiosa a relativa ausência do conceito de imperialismo em muitos estudos pós-coloniais produzidos fora da América Latina, quando se sabe que sua presença foi fundamental para as análises produzidas em nossos países. A globalização posta em marcha pelas forças do mercado atingiu seu *crash*, sobretudo pelo fato de aquelas não serem regulamentadas e serem móveis, acabando por polarizar as diferenças sociais entre nações e no interior delas. Ao buscar formas mais baratas de produção, promovem, a curto prazo, a exploração desenfreada de produtos primários e da força de trabalho a baixo custo.
- 18 O processo de desterritorialização, anterior ao *crash*, homogeneizou e fez abstratas diversas formas de riquezas associadas ao capital financeiro. Sabemos nós que esse processo encantou boa parte da crítica, que reproduziu acriticamente mais esse modo de pensar que veio de fora e encontrou entrepostos. Ela não vê o processo de mundialização de um ângulo crítico, esquecendo-se que ele acabou por provocar o surgimento reverso de um processo de reterritorialização, menos visível no mundo transnacional, que envolvia as elites dos países que serviam de base para esse processo e também por parte das elites periféricas. Esqueceram-se do fato de que, ao mesmo tempo, como escudos, voltaram os nacionalismos, que vêm se acentuando na situação pós-*crash*. Essa inclinação se fortalece mesmo nos países centrais, ao lado de inclinações autoritárias e xenófobas em relação à perspectiva da social-democracia, que procura administrar o mundo, como dissemos, pela legitimação hegemônica.
- 19 É de observar que, quando o Ocidente se dissolve no mercado, ele não abandona seus laços territoriais, e a assimetria dos fluxos aporta nos territórios dos outros. Tais assimetrias são próprias de um novo império que atua em esfera global, sem perder suas bases de fogo. Como contraposição, temos igualmente apontado para a necessidade de articulações do campo intelectual de sentido supranacional na forma de blocos, que poderiam contribuir para a idéia de democratização à escala planetária.
- 20 Entendemos que os atores de um campo intelectual supranacional, que se pretenderem efetivamente críticos, não podem ignorar relações de pertencimento, situem-se eles nas esferas do centro ou nas margens (há as margens dos centros e os centros das margens). São laços que levam à vida sociocultural e que não podem ser escamoteados, em função da própria objetividade da crítica. Mesmo quando são adotadas atitudes como se estivessem em situações psicossociais de migrantes, o diálogo não se faz em abstrato, mas com culturas diferentes, provenientes de experiências históricas que têm singularidades e motivações políticas.
- 21 É motivo recorrente, que historicamente tem envolvido o processo de colonização das margens, o relevo de considerações acríticas, dissociadas da situação sociocultural e, sobretudo, de atualidade histórica. Nesse sentido, o crítico não pode se ater à performance narcisista, que seria própria de quem está (apenas) de passagem, e também na apologia de um aparente descompromisso, afinado com o hiperindividualismo. Ao adotar posturas afins de uma espécie de relativismo nômade, ele acaba por se limitar a resvalar nos obstáculos, sem manter laços situacionais para além do efêmero do discurso da moda. Práxis efetivamente críticas não permanecerão restritas a esses enquadramentos, alheias a laços mais amplos, que envolvam tensas

relações em diálogo, discerníveis do ponto de vista geopolítico, mas também na conjunção entre fios discursivos de diversas áreas do conhecimento.

- 22 Temos de levar na devida consideração o fato de que a teorização pós-colonial tem discutido convenientemente questões relativas à globalização, aos deslocamentos dos povos e ao processo de americanização do mundo, sob o impacto da mídia e do consumo mercadológico. Em relação às questões político-sociais, entretanto, ela pode tender a inclinações genéricas. São igualmente pós-coloniais quaisquer sociedades marcadas pelo colonialismo, sem maior consideração sobre sua historicidade, nivelando países que se emanciparam no período pós-Segunda Guerra Mundial aos que se emanciparam desde o século XIX. Falar de pós-colonialismo, sem consciência dessas especificidades, implica nivelar uma cultura como a do Canadá, ou da África do Sul, por exemplo, à complexa situação cultural da Índia – ambas ex-colônias britânicas. Só uma análise sociocultural em rede pode revelar de que pós-colonialismo se trata.
- 23 Neste momento que se afigura em processo pós-neoliberal – permita-se-nos este otimismo –, a afirmação de uma tendência mais tolerante, que procura valer-se da estratégia de administrar da diferença, afim, por exemplo, do multiculturalismo de matização liberal, pode constituir uma maneira mais inteligente e de longo prazo de se preservar e mesmo promover a hegemonia estabelecida. Estratégia para um capitalismo administrado, um retorno, em nossas bases, dos princípios norteadores, por exemplo, do governo Roosevelt. Seria uma espécie de um novo *New Deal*, de onde – já que as coisas são misturadas – foi possível surgir, não obstante, a obra de um Caldwell, Hemingway, Dos Passos, Gold, Steinbeck, Faulkner, etc. E também a organização das Nações Unidas e da carta que estabelecia o princípio da autodeterminação dos povos.
- 24 O discurso de respeito à diferença que agora se afirma é o da perspectiva liberal do multiculturalismo, que pode tender à guetização dos excluídos ou à simples tolerância dos incluídos administrados. O pensamento hegemônico norte-americano tem sido avesso à valorização das misturas. O puritanismo religioso que vem dos tempos coloniais e sua práxis histórica levaram à afirmação ideológica da imagem de um mundo onde a mistura foi vista como degradação. Na grande narrativa da formação nacional desse país, inculcada mundialmente pela mídia, a missão civilizatória se fez inicialmente contra os que consideravam bárbaros indígenas. Pouco importa as poucas escaramuças dos nativos contra o invasor europeu, da história real, pois quase sempre eles se limitaram a se afastar dos invasores, quando expulsos de suas terras mais férteis. Para essa mídia ideológica, os nativos eram impostores em suas próprias terras e estas eram consideradas como se fossem vazias – a “Terra Prometida” ou “Nova Canaã” da simbologia que vem das cruzadas. E a estrutura dessa narrativa fundamentalista, associada ao poder imperial, vem até nossos dias, comutando indígenas por negros, latino-americanos, asiáticos ou árabes. Estes são os “outros” (na designação naturalizada, os “étnicos”), sempre mostrados como agressivos, indisciplinados, incivilizados, etc. Afinam-se, nessa perspectiva ideológica, como mestiços, impuros.
- 25 Tal etnocentrismo norte-americano pode vir a ser agora atenuado, na nova configuração que se esboça, como uma das tendências possíveis da política imperial. Fala-se insistentemente na necessidade de “tolerância”: tolerância liberal, uma nova modalidade dos pressupostos de caridade, uma via de mão única, sem reciprocidade. A aproximação dos excluídos, que foi uma das bases fortes da eleição de Obama e que fez a diferença, não é evidentemente relevada. Para além dessa modulação da tolerância, é imprescindível ao pensamento crítico descortinar também as relações de poder

envolvidas. Sem a discussão dessas relações, o discurso multicultural, que, ao que parece, deve se afirmar ainda mais, não deixará de ser um veículo conceitual de administração da diferença, tendo em vista a manutenção da hegemonia norte-americana, vale dizer, de suas elites. Falta a esse multiculturalismo de tintas liberais a consideração de vozes simultâneas em tensão, uma espécie de um áspero concerto polifônico construído pelas diferenças.

- 26 Reiteramos, pois, no contraponto ao que se naturalizou até o momento do *crash* econômico, que o acesso à rede supranacional se faz num lócus enunciativo determinado e ele é fundamental para a crítica. Se na vida universitária, por exemplo, um docente situa-se numa universidade norte-americana, ele não pode desconsiderar o fato de que seu discurso pode estar associado a estratégias hegemônicas desse país. Faz parte do consenso hegemônico, na atualidade, não apenas aceitar, mas promover a capitalização da diferença. Uma diferença que se consubstancia em produtos, desde o da imagem democrática do país hegemônico até a mercadorias mais explicitamente comercializáveis. Para além do produto diretamente comercializável, a hegemonia implica um “reconhecimento” internacional da instituição onde esse crítico trabalha, o que certamente atrairá alunos e docentes, inclusive dos países não-hegemônicos. A partir dessa situação, serão criadas condições para convênios interinstitucionais com esses países, tendentes à preservação da hegemonia. Só uma efetiva reciprocidade entre os atores da comunidade universitária envolvida poderá atenuar essas assimetrias. Isto é, a consciência da dimensão política que envolve a pesquisa científica. A busca da “eficácia”, aparentemente neutra, mas no fundo mimética e sem criticidade, pode mascarar a continuidade do sentido de hegemônico do poder simbólico.
- 27 É provável que o fluxo cultural hegemônico, configurado, nos estudos literários, em teorias e correntes críticas, acabe por estabelecer no país subalterno um entreposto associado. Se esse porto receptivo for efetivamente crítico, é de se presumir que veiculará fluxos de natureza diferente daqueles da estandardização que norteia a cultura de massa, mas não deixará de apresentar vetorização equivalente. Sem reconfigurações das redes discursivas intervenientes a dinâmicas contra-hegemônicas, o novo lócus pode ser um porto que corre o risco de ser no máximo uma particularidade de um desenho mais abrangente da administração da diferença. O núcleo determinante da enunciação, que imprime a direção do fluxo, no caso da sublocação subalterna, não deixa de estar no centro hegemônico. É próprio das estratégias de legitimação da hegemonia tolerar a diferença, desde que seja uma diferença administrada, quase sempre prevista e elaborada, enquanto possibilidade de abertura. Tais observações valem tanto para o vestuário quanto para as modas críticas. Através de estratégias de convergência dessa modalidade de administração, a incorporação orgânica da diferença poderá inclusive constituir fator de dinamização da rede hegemônica. Mudar, assim, para continuar a colonizar o imaginário, determinando padrões e condicionando expectativas que enredam o mundo das margens.
- 28 Os atores de um campo intelectual supranacional que se pretenderem efetivamente críticos não podem ignorar as relações de pertencimento desses sujeitos. São laços que levam à vida sociocultural e que não podem ser escamoteados, em função da própria objetividade da crítica. Mesmo quando se adotem atitudes como se estivessem em situações psicossociais de migrantes – este é um dos tópicos dos Estudos Culturais –, o diálogo não se faz em abstrato, mas com culturas diferentes, provenientes de

experiências históricas que têm singularidades e motivações políticas. E estar nos Estados Unidos não é como estar no Brasil ou em qualquer outra parte do planeta, como aparece em certos discursos tendentes à neutralização da diferença e à sublocação do mesmo. Se os óculos críticos advindos dessa circulação cultural podem aguçar a percepção, pela caracterização dos relevos dissonantes das culturas em contato, em função da própria criticidade eles não podem implicar convergências óticas inclinadas à neutralização.

- 29 Nesse sentido, convém repetir que o crítico não pode se ater à performance narcisista, que seria própria de quem está (apenas) de passagem, e também na apologia de um aparente descompromisso, afinado com o hiperindividualismo da situação que resultou no *crash* financeiro, uma situação, é verdade, que não deixa de apresentar analogias com a dos assim chamados “anos loucos” da década de 1920 de que falamos.
- 30 Limitar-se a esses hábitos pode significar delimitação alienante à canalização dos fluxos culturais estabelecidos. Uma práxis efetivamente crítica não permanecerá restrita a esses enquadramentos, alheia a laços mais amplos, que envolvam tensas relações entre fios discursivos, seja relativamente à vida sociopolítica, seja mesmo no que ocorre analogamente também entre as diversas áreas do conhecimento. O desenho é correlato, da geopolítica ao mundo cultural. É importante que nos voltemos para articulações que podem levar a problemáticos nós multidiscursivos, inclinados à discussão das possíveis conexões – sempre colocadas no plural – entre o mundo que se desenha na vida cultural e suas relações com o *chão* das relações político-sociais.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. 2002. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- ANDERSEN, Benedict. 1986. *Nação e consciência nacional*. Tradução de Lólio L. de Oliveira. São Paulo: Ática.
- BAUMAN, Zygmunt. 2006. *Tempos líquidos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

RESUMOS

Análise da ascensão do comunitarismo cultural, tal como ele se coloca supranacionalmente diante da repactualização política internacional originária do *crash* financeiro de 2008. A partir do lócus enunciativo, colocam-se dois enlaces principais, do ponto de vista literário e cultural: para os países de língua portuguesa e ibero-americanos. Tais formulações não restringem políticas de cooperação e de solidariedade, pois que, de acordo com o autor, o mundo configura-se cada vez mais como de fronteiras múltiplas e identidades plurais. O texto, a partir dessas configurações, centra-se no comunitarismo cultural dos países de língua portuguesa, levantando

questões de ordem política no sentido de problematizar a atual assimetria dos fluxos culturais e as estratégias de administração da diferença para a preservação de hegemonias estabelecidas.

Analysis of the rise of cultural communitarianism, as it puts itself on a supranational level in relation to the international political pact, which was the origin of the financial crisis of 2008. From this enunciative point, two spheres appear, in regard to a literary and cultural perspective: the Portuguese-speaking countries and Latin America. As the world becomes more plural and multiple in identities and boundaries, these spheres, however separate, do not restrict cooperation and solidarity policies. The text proposes, from these settings, a focus on cultural communitarianism of Portuguese-speaking countries, as it raises political issues in order to discuss the current asymmetry of cultural flows, and the different management strategies for the preservation of established hegemonies.

ÍNDICE

Keywords: multiple borders, supranational communitarianism, plural identities, cultural asymmetries, management of difference

Palavras-chave: fronteiras múltiplas, comunitarismo supranacional, identidades plurais, assimetrias culturais, administração da diferença

AUTOR

BENJAMIN ABDALA JUNIOR

Universidade de São Paulo e CNPq, Brasil. *E-mail:* benjamin@usp.br.